

Hospitais reabrem camas para doentes covid

Com urgências e enfermarias pressionadas, serviços hospitalares reorganizam-se para dar resposta ao aumento da procura. Países com mais de 30 mil novas infeções diárias

Jocana Amorim
jamorim@jn.pt

PANDEMIA Serviços de urgência em máximos, enfermarias dedicadas a doentes covid cheias, profissionais de saúde infetados. No pico de produção para recuperar atividade, os hospitais reorganizam-se para dar resposta ao aumento da procura. Pede-se o regresso da gratuitidade de testes nas farmácias e o reforço da linha SNS24. Anteontem, registaram-se 30 274 casos e 27 óbitos. A taxa de positividade ronda os 47%.

Nos próximos dias, o Hospital de S. João, no Porto, decide se interrompe em 20% a atividade programada. O centro hospitalar alargou uma enfermaria para acomodar os 80 internados com covid e aumentou a área de atendimento das Urgências, onde continuam a chegar doentes referenciados não urgentes. Profissionais de saúde infetados com SARS-CoV-2 contam-se 200. Na mesma cidade, o Hospital de Santo António abriu uma nova unidade, tendo nove vagas em enfermaria covid e uma na Unidade de Cuidados Intensivos (UCI). Ontem, tinham 10 doentes em UCI, 71 em enfermaria e cerca de 50 profissionais infetados.

Cenário que se repete em vários hospitais da região. Na segunda-feira, revela a ARS Norte, contavam-se 600 doentes em enfermarias e 44 em UCI. O Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho registava uma "taxa de ocupação de 100% em UCI (10 camas) e em internamento (52 camas). A manter-se este ritmo, prepara-se "para poder abrir mais uma ala de internamento dedicada à covid". As urgências estão acima dos ní-



veis pré-covid: média nos últimos sete dias de 621 admissões diárias, contra cerca de 530 em 2019.

O Hospital de Braga confirma um aumento da pressão, "quer pelo aumento de doentes covid e não covid, quer pela dificuldade no encaminhamento de doentes para a Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados e para os Lares Residenciais". Fatores que explicam uma "taxa de internamento superior a 85%". Em enfermaria estão 42 doentes com covid e em Intensivos dois. As Urgências registaram um máximo a 28 de março, com 736 atendimentos, frisando o hospital que de janeiro a abril deste ano "47% dos atendimentos eram relativos a utentes com pulseira azul ou verde".

No Centro Hospitalar de Entre o Douro e Vouga, a taxa de ocupação em enfermarias covid está nos 90% (nível 4, de 5, do plano de contingência) e em UCI nos 75% (nível 2). Na terça-feira acorreram à Urgência 523 doentes, 36% "de

triagem cor verde e azul, o que está a impactar muito a prestação". Afluência que se faz sentir também no Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa: 67 doentes em enfermaria e dois em UCI.

LVT REFORÇA CAMAS

Se o Norte responde por 40% dos novos casos, Lisboa e Vale do Tejo está já nos 30% e os hospitais da região acusam também a pressão desta sexta onda. Fonte oficial do Centro Hospitalar Lisboa Central avança ao JN ter sido ontem ativado um plano que prevê a abertura, a partir de hoje, de "mais 18 camas", para ter, "parajá", 113 camas covid - estão internados, atualmente, 95 doentes. As três urgências (São José, D. Estefânia e MAC) registaram mais de 800 atendimentos na segunda-feira.

No Santa Maria, o mesmo cenário, com recorde de admissões nas urgências (adultos, pediatria e ginecologia) na segunda-feira - 800, o valor mais alto desde o início da

SNS

Coordenar e distribuir casos para não limitar atividade programada

Desde o início da pandemia, lembra o presidente da Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares, que se pede "uma coordenação das várias estruturas hospitalares, que não existe como um todo". Um trabalho em rede, explica Alexandre Lourenço, "essencial para distribuição de casos por todas as instituições para não limitar a atividade programada". Uma "resposta em rede que nunca veio a ser implementada", lamenta. Numa leitura geral da atual situação, o pneumologista Filipe Froes fala numa conjugação de vários fatores: "A circulação da nova linhagem BA.5, mais transmissível e com a particularidade de evadir mais facilmente a imunidade (ler ao lado). O aliviar de medidas, nomeadamente o uso de máscara". Sem que, frisa o clínico, tivessem sido criadas "alternativas para compensar esta nova situação, nomeadamente o acesso a novos fármacos e anticorpos monoclonais".



Urgências estão a bater recordes a bater recordes de procura. Novos casos obrigam a reabrir mais enfermarias

FOTO: ARTUR MACHADO / GLOBALIMAGENS



REAÇÕES

Sem novas medidas

A ministra da Saúde admitiu que a evolução da pandemia venha a condicionar a atividade hospitalar programada e recuou, para já, o regresso de testes gratuitos nas farmácias e do uso obrigatório de máscaras. O Sindicato Independente dos Médicos exige que o Governo acautele, além dos grupos vulneráveis, a vacinação dos profissionais de saúde, perante "o pandemónio instalado nos serviços".

Farmácias disponíveis

Após uma quebra de 60% aquando do fim da comparticipação, as farmácias registaram, na segunda-feira, um pico de procura, com 15 mil testes. Quando eram gratuitos, a média andava nos 25/30 mil. A Associação Nacional de Farmácias manifesta total disponibilidade para voltar a realizar testes.

pandemia, a maioria não covid e "muitos doentes com pulseira amarela e laranja". Os internamentos covid estão "relativamente estáveis, mas com tendência a aumentar". Ontem, o Centro Hospitalar Lisboa Norte contava ultrapassar as 40 camas. O que "levanta desafios de organização de serviços, mas não compromete a atividade". Em termos de profissionais infetados, contam agora uma média de nove/dia, contra 4/5 na semana passada.

"Os hospitais estão em níveis recorde de produção. As camas já estão sobreutilizadas porque há mais cirurgias e internamentos. Há muitos profissionais infetados. Em cima disto um aumento de casos de covid. É a tempestade perfeita", resume o médico Xavier Barreto, da Associação de Administradores Hospitalares. "Precisamos de respostas alternativas ao Serviço de Urgência: a reposição dos testes gratuitos nas farmácias e o reforço do SNS24". ●

A LUPA

30 274

Na passada terça-feira contabilizaram-se 30 274 casos diários de infeção por SARS-CoV-2 e 27 óbitos.

63,6%

A linhagem BA.5 da variante ómicron é já dominante, com uma frequência relativa de 63,6% a 15 de maio.

P&R

1

A linhagem BA.5 é mais transmissível?

Tudo aponta que sim. De acordo com o investigador do Instituto de Medicina Molecular (iMM) Miguel Prudêncio, quando uma nova variante ou uma nova linhagem ganha prevalência relativamente às anteriores, significa que tem maior capacidade de transmissão. A BA.5, linhagem da variante ómicron, representa mais de 63% dos novos casos de covid-19.

2

Como é que se explica a maior transmissibilidade das variantes ou linhagens?

A maior transmissibilidade de uma variante ou de uma linhagem é explicada pela "maior facilidade em infetar as células-alvo", clarifica o especialista. Quando a ómicron surgiu, explica Miguel Prudêncio, "uma das observações feitas foi a de que tinha mais facilidade em infetar as células do trato respiratório, por oposição às células mais profundas do pulmão". O que explica a sua maior transmissibilidade.

3

A linhagem BA.5 provoca doença mais grave?

"Não há indicações de que assim seja", afirma o investigador do iMM. Só com o tempo e a acumulação de evidência clínica sobre a nova linhagem, como a monitorização dos sintomas graves de pessoas infetadas, será possível ter "certezas definitivas". "Ainda passou muito pouco tempo desde que a BA.5 ganhou prevalência" em Portugal, diz.

4

A nova linhagem já é dominante?

A 8 de maio deste ano, a BA.5 apresentava uma frequência relativa de 37,1%. No relatório de ontem do INSA, aponta-se que já representa 63,6% das novas infeções no país. Miguel Prudêncio diz que a nova variante já é "maioritária" e "em pouco tempo vai tornar-se absolutamente dominante", avança o especialista.

5

Quem foi infetado com a variante ómicron, pode voltar a testar positivo ao vírus?

"Não se pode dizer que não há hipótese nenhuma ou que é altamente provável", acautela o investigador. Quanto mais tempo passa desde que se foi infetado ou vacinado, a "quantidade de anticorpos vai diminuindo". Quem testou positivo ao vírus em janeiro não foi infetado com a BA.5, logo a probabilidade de ser reinfetado "é real e não é negligenciável". Miguel Prudêncio destaca, porém, que as células T (que fazem parte do sistema imunitário) continuam muito eficazes contra a doença grave. RITA NEVES COSTA



JN.pt Diário. Ano 184. N.º 362. Preço: 1,50€ Quinta-feira 19.5.2022 Diretor-Geral Editorial Domingos de Andrade / Diretora Inês Cardoso / Diretores-adjuntos Manuel Molinos, Pedro Ivo Carvalho, Rafael Barbosa e Vítor Santos / Diretor de Arte Pedro Pimentel

TAÇA BILHETES ESGOTAM E FALTAM AUTOCARROS PARA VIAGEM A LISBOA
P. 34

Braga Convite para a "cadeira de sonho" chegou de madrugada
Artur Jorge com contrato de dois anos
P. 37

HOJE GRÁTIS GUIA DO RALI

Milhares de empresas investigadas por não cumprirem horários

Autoridade para as Condições de Trabalho abriu 6615 processos em 2021, menos do que no ano anterior

Sindicatos denunciam que muitos pedidos de fiscalização ficam sem resposta por escassez de meios P. 8

Pandemia Hospitais reabrem enfermarias para a covid
Número de infeções diárias ultrapassa as trinta mil P. 4 e 5

Alerta Portugal tem 14 casos de varíola dos macacos P. 8

Matosinhos Dona de cão que desfigurou criança paga 119 mil euros

Rottweiler passeava sem coleira, trela ou açaima P. 13

Raspadinhas Estudo vai analisar cérebro dos viciados P. 7



Arquitetura Siza Vieira e as várias vidas da Piscina das Marés P. 29



Ucrânia Marcelo revela visita de António Costa a Kiev mas secretismo mantém-se P. 24

Novo túnel do metro dez anos depois
São 160 metros no prolongamento da Linha Amarela, em Gaia. Troço entra ao serviço no início de 2024 P. 16 e 17